

Índice

Joana Bértholo	
<i>A Grande Volta ao Território</i>	11
Maurice Leblanc	
<i>Palavras de um crente</i>	19
<i>Hinos e harmonias</i>	20
Alphonse Allais	
<i>Hipomobilismo</i>	25
Samuel Beckett	
<i>Querida bicicleta, não te chamarei velocípede</i>	27
Tristan Tzara	
<i>O rabo do diabo é uma bicicleta</i>	33
Peter Cummings	
<i>A cadência mantra</i>	35
<i>Instantologia</i>	36
Louis MacNeice	
<i>O ciclista</i>	39
Guy Davenport	
<i>Leonardo da Vinci inventa a bicicleta</i>	41
Maurice Leblanc	
<i>Cá estão as asas!</i>	45
Émile Zola	
<i>Como isolados do mundo</i>	47
Adrian Mitchell	
<i>O cubo do homem</i>	55
Robert James Muir	
<i>A roda com que sonhava Platão</i>	57

Marcel Aymé	
<i>O lanterna-vermelha</i>	65
Alphonse Allais	
<i>As confissões de um jovem ciclista</i>	73
Alfred Jarry	
<i>A corrida das dez mil milhas</i>	81
Julien Gracq	
<i>O leitor é um stayer</i>	87
Maurice Leblanc	
<i>Nasceu uma estética</i>	89
Jacques Perret	
<i>Bicyclum tremens</i>	91
Luigi Bartolini	
<i>Ladrões de bicicletas</i>	107
Alphonse Allais	
<i>Salvaguarda das bicicletas</i>	121
Ortega y Gasset	
<i>O que o viajante vê nas bicicletas da Holanda</i>	125
Bóris Slutski	
<i>Os ciclistas</i>	129
Alfred Jarry	
<i>Suplícios e órgãos</i>	133
Louis Baudry de Saunier	
<i>Conselhos para aprender a manter o equilíbrio</i>	137
Jehan de la Pédale	
<i>A lenda do velocípede</i>	139
John Kendrick Bangs	
<i>Pneus em Baixo e Pneus no Prato</i>	143

Joana Bértholo

A Grande Volta ao Território

Até ao octogésimo nono quilómetro estava a ser uma etapa da Grand Tour como outras anteriores. Era uma prova renomada pela sua exigência, e as condições climatéricas extraordinárias que se faziam sentir naquele Verão apenas sublinhavam esse elemento irrazoável pelo qual era conhecida. Apesar do calor insuportável, não comparecera menos público. Essa força essencial que são os urros e as palmas de uma massa de estranhos que brada o meu nome enquanto eu soffro apenas deixou de estar distribuída ao longo das margens direita e esquerda do percurso, para se concentrar, até mesmo empilhar, em qualquer orela à sombra. Era intolerável estar ao sol, onde fatidicamente estávamos nós, os ciclistas, com as bicicletas apetrechadas de cantis e as camisas estampadas por marcas com os bolsos gordos de suplementação, que, em princípio, evitaria que soçobrássemos. Quando foram canceladas duas das dez etapas da Volta devido às temperaturas altas, os patrocinadores retaliaram. Perdiam imenso dinheiro com cada etapa cancelada. Só aqueles que emprestavam o corpo ao tormento, os atletas, não tiveram voto na matéria. Ao chegarmos à sétima etapa, somava-se meia centena de desistentes, mas isso era a prejuízo das carreiras individuais e do seu futuro dentro das equipas. Aos restantes, os treinadores convenciam-nos de que as condições árduas, inumanas, aos olhos do público, só sublinhariam o heroísmo. O vencedor daquela edição da Grande Volta ao Território, a Grand Tour, iria

tornar-se um herói e o seu nome badalado internacionalmente. Nada menos do que isso estava em jogo.

A organização garantiu o reforço das condições, triplicando os postos de hidratação e pontilhando o percurso de aspersores de água. Até inovou, com a entrega de apliques de gelo que podíamos pousar sobre os membros para forçar a temperatura corporal a descer. A partida também foi antecipada, arrancámos ainda não tinha nascido o sol. No dia anterior fui dormir às seis da tarde. Quando acordei, a mistura do breu com o bafo quente da madrugada era temível. Estavam 28 graus, mas eram apenas cinco da manhã.

Parti na linha da frente, e era um dos favoritos. Não era minha a camisola amarela, mas do colega francês. Eu estava imediatamente atrás dele na classificação, uma diferença que todos me sabiam capaz de colmatar. Sentia-me em tope de forma. O longo Inverno de montanha e o treino em altitude tinham-me dado a robustez que pede a Grande Volta, uma das mais duras provas do hemisfério sul. Mas foi ao nonagésimo quilómetro, ou quando eu esperava alcançá-lo, que *aquilo* sucedeu: o ecrã do meu monitor irradiou em tons violáceos e desligou-se, para se voltar a ligar instantes depois com indicações equivocadas. Colocava-me ao quilómetro 23, e dizia da minha pulsação que atingia os 159 bpm, um valor altíssimo para o ritmo confortável em que eu rolava. Comunicuei a falha técnica à equipa de apoio e foi-me dito que aguardasse ao centro do pelotão. Colegas de equipa viriam flanquear-me e resolveríamos a situação em andamento. É assim com quase tudo, excepto com um pneu furado.

Assim fiz. Estabilizei dentro do cone de ar gerado pelo grupo para poder prosseguir com o mínimo esforço. Seríamos uns oitenta atletas naquele primeiro pelotão, com outra centena no encaço. A anomalia técnica não me preocupava, dada a fase precoce da etapa. Estranhava eu já a demora, quando estranhezas maiores assolaram o meu espírito: vi que a sinalização física do percurso, ou seja, as placas à beira da estrada, correspondia à informação que me dava o monitor. Vi a placa do quilómetro 24, seguida do 25, do 26, e assim sucessivamente, até ao 30. O meu ritmo cardíaco disparou para uns inconcebíveis 183 bpm, que só atinjo em *sprint*, mas desta vez sentia de facto o coração a ribombar no peito, e afrontamentos, toldado entre a vergonha e a confusão por não compreender o que se estava a passar. Senti uma vertigem, vacilei, e os colegas tiveram de me amparar, para evitar que caíssemos em dominó. Bebi e espirrei água sobre a cara. Pedalei um bom seg-

mento com os olhos postos na roda traseira da bicicleta da frente, desejando que tudo aquilo fosse um desnor-teio causado pelo calor e nada mais. Quando acalmei o batimento cardíaco e reuni a coragem, ergui o rosto e lá estava a placa do quilómetro 34, a mesma que tinha deixado para trás há cerca de uma hora. Subi à dianteira do pelotão para chegar junto a Filippo, colega italiano e bom amigo fora das provas.

— Pippo, c*****, já estávamos ao 90, c*****, que merda é esta?!

Na altura usei mais asneiras que prefiro não repetir. Pippo não respondeu. O rosto dele ganhara uma coloração arroxeadada, o pescoço tombado do esforço, escorria suor do nariz e levava a boca muito aberta. Chamei-lhe nomes e obriguei-o a beber. Alcançámos uma estação de aplicques de gelo e não foi difícil conseguir dois, visto que a maioria dos ciclistas já nem tinha forças para abordar o posto. Dei ambos a Pippo. Coloquei-os sobre as omoplatas dele e esperei que derretessem. Mas ele não desatava os olhos do chão. Olhei em volta para o pelotão e medi o estado generalizado de fadiga. De súbito, estávamos todos abatidos. A velocidade média ficava muito aquém da de ciclistas do nosso nível, e os da frente estavam exauridos. Começavam alguns a desistir. Tudo isto ao quilómetro 35... faltavam 148 km! Ou não faltavam? Beberiquei água do cantil em pequenos goles e chupeei algum gel. A sensação de frescura era maravilhosa. Reposto, decidi parar de deslindar este mistério e focar-me na minha *performance*. Consegui baixar a pulsação para os 130 bpm. Imaginei que passava uma brisa, e foi quase como se passasse.

Este quilómetro 40 era muito diferente do quilómetro 40 anterior. À primeira passagem atravessáramos uma povoação de casinhas pitorescas, onde as pessoas pareciam viver a um ritmo de outrora, mais ligadas à terra e aos elementos. Desta vez, estávamos numa zona industrializada, feia, de enormes armazéns cinzentos, com filas de camiões de mercadorias parados à beira da estrada e punhados de pessoas a aplaudirem-nos desde as suas sombras. Na subida para o quilómetro 50, o pelotão partiu-se em pedaços mais pequenos. Eu vocalizei palavras de ordem, para que os da frente abrandassem e os de trás nos apanhassem, mas ninguém reagiu. Dei-me conta de que falar alto implicava uma energia que eu próprio já não possuía. Estávamos a cometer um erro estratégico grave nestas condições. Não devíamos enfrentar a dureza desta prova sozinhos nem em grupos pequenos, que impõem uma maior taxa de esforço a cada um. Eu já avistava colegas isolados, ou a par, a revezarem-se. Era evidente que não iriam durar muito.

Ao sair de uma curva apertada, deixei de ver quem quer que fosse. A descida desembocava numa paisagem diferente e o meu monitor tinha falhado outra vez, apagara-se. Não se via público nem placas de sinalização. O pior tinha-me acontecido numa etapa como esta. Mantive a calma e continuei a pedalar. A minha *Bianchi* azul-turquesa era o elemento mais estável na imponderável instabilidade desta etapa. Aligeirei a mudança, aumentei a rotação e pedalei o que me pareceu um tempo infinito naquela recta descaracterizada, com uma ou outra casa de materiais precários a abeirar a estrada, todas sem excepção com as persianas baixas, aparentemente desabitadas. Estive nisto um tempo inestimável, em que aproveitei para pensar na vida, na família, em algumas perdas e desaires, projectos incompletos e desculpas que me faltava pedir. Quando o monitor acordou, posicionava-me ao quilómetro 117. Celebrei! Loucura por loucura, pelo menos uma que me pusesse na segunda metade da prova!

Sei bem que aquilo que distingue um atleta excelente de um atleta excepcional não se encontra em qualquer músculo das pernas ou característica física mensurável. Aquela era uma etapa mental — todas as Grand Tours têm a sua. Era nesta etapa que separaríamos o trigo do joio, os muito talentosos dos sobre-humanos. Percebi então: esta era a prova do espírito. Disse a mim próprio que estava a ser testado, e isso ajudou a focar a energia e a gerir o mal-estar e a confusão. Não sabia se estava a montante ou a jusante do grupo principal; nem sabia se o francês, meu rival directo, estava adiante ou atrás de mim: e isso era o mais difícil. O contador já me punha ao quilómetro 120 do percurso, o que significava que estava apenas a 63 km da meta. Sentia-me fatigado mas não exaurido, e ainda tinha reforços no bolso das costas. Tinha boas hipóteses de dominar isto. Só não me restava água, e preocupava-me não haver público nem um posto de apoio. Por que raio não se via ninguém?!

Inspirei e foquei-me nas sensações físicas, na dança da bicicleta com os elementos, nos pneus a deslizar no asfalto. A alameda sempre recta nunca deu lugar às íngremes passagens sinuosas que caracterizam esta etapa; os baldios desabitados nunca foram substituídos pela paisagem pontilhada de casinhas típicas de madeira. O tempo passava e tudo o que havia a fazer era pedalar. O sol caiu no horizonte e a noite inundou tudo. O contador recusava-se a sair do quilómetro 149, pedalasse o que pedalasse. E depois apagou-se outra vez. Eu suspirei, contrariado e tenso, mas optei por me curvar sobre o guiador e fechar os olhos enquanto pedalava, pensando em dormir. Acordou-me Pippo

com um estalo bem dado no cangote, a vociferar com a agressividade contraditória de quem só está interessado no nosso bem-estar:

— Que m**** fazes, c*****?!

Era a manhã do dia seguinte, havia luz; ou ainda o dia de ontem, não saberia dizer. Tentei explicar a Pippo, que me pareceu agora forte e reposto, o que tinha estado a viver desde que começara a etapa, mas ele acelerava para a frente do pelotão, que entretanto me envolvera, gritando:

— O Jean-Paul atacou, c*****, ‘bora buscá-lo!

Não podia responder a um ataque sem saber em que fase da etapa estávamos, e como dosear o esforço. Por outro lado, quando o nosso rival directo ataca, não temos alternativa senão darmos tudo o que temos, mesmo sabendo que podemos não ter condições de recuperar e voltar à prova. Podia ser o meu fim, dependendo de quantos quilómetros faltassem. Estava a sprintar com todas as minhas forças, o cardiofrequencímetro ao rubro, quando subitamente o monitor regressou à vida e, *voilà!*, colocou-me no quilómetro 178 — Graças a Deus! Recta final! Tranquei a posição de ataque: baixei a cabeça entre os antebraços, cerrei os dentes, fechei os olhos, e dei tudo, tudo, tudo. Entreabri os olhos e nem dei logo sentido ao que vi: quilómetro 176. Continuei a sprintar, já *à morte*, como dizemos, quilómetro 175. Re-bentado, sem vislumbre de Jean-Paul, desacelerei, quilómetro 174. Retornei à calma, quilómetro 173. Disse todas as asneiras e obscenidades de que me consegui lembrar, injuriei todos os deuses do cardápio, enquanto gordas lágrimas de frustração me tiravam a visibilidade. Decidi não as desperdiçar e, esticando a língua à bochecha, ingeri-as.

Ao quilómetro 170 o contador congelou. Eu estava todo roto, mas sem nunca contemplar a opção mais evidente: parar de pedalar. Sentia as pernas como uma continuação desta besta de metal, o meu corpo e o dela um só, ciborgue centauro; e enquanto esta loucura toda me estivesse a acontecer a mim, estaria a acontecer a ela, à minha bicicleta. Tinham sido anos e anos, dias e dias e horas e horas sempre juntos. Eu não lhe podia falhar. Quando os quilómetros voltaram a progredir e vi aquele número, 171, senti que só me cumpria terminar, que não importava se Jean-Paul já tinha ganhado. Se fosse capaz de ver o fim a isto, sairia de alguma forma vitorioso. Sairíamos. Eu e ela contra toda a aleatoriedade deste mundo.

O troço seguinte foi desafogado, deslizei na inclinação suave daqueles quilómetros finais. Senti como a bicicleta governa o tempo, qual mecanismo de roldanas, e que eram os meus pés nos pedais que o